

*João Alexandre Alves dos Santosⁱ
Universidade Federal da Grande Dourados*

Estória da Bela Dona, setiético louco amor

Neste verso pouco alçado,
Tranquilo invoco a rainha
realço o voo alçado;
do mistério da rainha
o mistério do condado.

Avistado o matuto sitiante
no próprio debuxo ínfimo e hilário
mergulhado em seu jeito artilante
da arte de ignorar os ignórios.
de esboçar-se em ser pensante;

Conte-me a história, seu senhor,
Quem sabe, sabe. Quem não sabe
do mistério dos mistérios do condor,
vai buscando cansado o segredo, se assim se cabe.
do plano fundo, a rainha do amor.

Dois entrelinhados sonhos amigados.
e assanhando-se ao moço vagante,
Fartou-se, pois, da moça os olhos novados,
fitou-os, outrora, a mal costume d'antes.
intercalando-se dois que se eram amados;
Viu em - devaneio e - poço fundo a resposta errante:

“Seis e quanto mais sois? Não, não será.
A querida virtude confiante não terá.
Sei que pouco sei matutando aqui a sós,
mas sei mais que de meu bem sei,
muito mais, que matar-te-ei!”

Decidida como só ela,
os sábios lábios d'outra fera
calou a voz mais bela;
enganaram a dama, como assim quisera.

Vedes como lindos eram os lábios dela... dizia.
E o vagante,
atirou-o em pouco largo, mas fundo;
por azar errante,
sem nem pensar afundo.
ao poço gigante

Essa é a estória da rainha errante,
Seu amor, em prantos n'outro mundo,
que no poço fundo o achou hostilizante.
descobriu: até mesmo o misterioso ramo profundo,
se perdido ou improfundo,
transforma a bela mais meiga dona senhoria
em assassina inconstante.